



ENERGIA & AMBIENTE

ENTREVISTA **CARLOS ALEGRIA** Presidente da APEB

“Incêndios reduziram significativamente a biomassa disponível”

A Associação de Produtores de Biomassa alerta para a escassez de matéria-prima devido aos fogos florestais que assolam o país todos os anos.

ANDRÉ CABRITA-MENDES
amendes@jornaleconomico.pt

Os incêndios florestais têm reduzido significativamente a biomassa disponível para as centrais que produzem eletricidade a partir dos resíduos florestais. O alerta é lançado pelo presidente da Associação dos Produtores de Energia e Biomassa (APEB), Carlos Alegria. Na próxima semana, Lisboa vai receber a 27ª Conferência e Exposição Europeia da Biomassa (EUBCE 2019) que vai ter lugar no Centro de Congressos de Lisboa, de 27 a 30 de maio, onde 1.500 delegados de 70 países vão debater o papel da biomassa no mundo para combater as alterações climáticas.

A biomassa pode vir a ser importante para o mix energético em Portugal?

Claro que sim. Na verdade, a biomassa tem já um peso interessante no mix energético em Portugal se se contabilizar, não só a biomassa que é produzida em centrais de biomassa, mas também toda a lenha usada para aquecimento doméstico e queima, bem como a utilizada para confeccionar refeições no contexto da população mais rural. Por outro lado, muitas fábricas usam hoje em dia, em substituição do gás natural, produtos derivados da floresta, quer na forma de estilha quer de *pellets* para produção de água quente e vapor nos seus processos fabris. Na área dos serviços, em empreendimentos turísticos, por exemplo, cada vez mais se utiliza biomassa como fonte de calor, quer para aquecimento como para produção de frio através de *chillers* de absorção. Outro exemplo são as escolas no interior do país que utilizam estilha ou mesmo *pellets* para aquecimento no período de inverno. Como último exemplo, indico a utilização de biomassa (sob a forma de estilha ou *pellets* para aquecimento de piscinas). Assim, se toda esta energia térmica e elétrica for contabilizada, po-

demos afirmar que a biomassa representa um peso considerável no mix energético renovável.

Qual a importância das centrais de biomassa para prevenir incêndios e limpar a floresta?

Tem uma importância enorme. Nas centrais de biomassa, as pessoas entregam o que recolhem na limpeza e são pagas pelos resíduos que entregam. É uma forma de dar vazão a um resíduo que não tem outro fim que não a queima com a vantagem de gerar retorno económico. A produção de energia renovável proveniente dessa queima conduz assim à chamada economia circular, muito em voga atualmente. Há muito que se fala na necessidade da prevenção com a limpeza da floresta como forma de reduzir os incêndios. Foi necessária a catástrofe de 2017 para sensibilizar o Governo e a população para a necessidade, ou mesmo obrigação, de limpeza da floresta e dos caminhos. Relembro que de todas as formas de energia renovável, esta é a única que tem maiores externalidades positivas, pois implica o pagamento do “combustível” para operar, para além de criar postos de trabalho e fixar as pessoas nas zonas rurais.

Qual a evolução que a biomassa pode vir a ter em Portugal nos próximos anos?

Nos últimos dois anos foram licenciados pelo governo 110 MW de potência elétrica para a construção de novas centrais de biomassa. Assim, as novas centrais de biomassa começarão a trabalhar até ao fim de 2019. Existem ainda centrais de cogeração e dedicadas nas fábricas de pasta de papel. A estas acrescentam-se fábricas de *pellets*. Para cada tonelada de *pellets* ser produzida é necessário queimar duas toneladas de biomassa. Se agora adicionarmos as muitas caldeiras a biomassa espalhadas pelo país, grandes e pequenas, e se tivermos em conta os últimos incêndios que ocorreram em Portu-

gal, o cenário complica-se. Existe um receio muito grande de não haver biomassa que chegue para todos. Dai se considerar que não se deve avançar com mais centrais de biomassa sem se fazer um levantamento exaustivo da biomassa necessária que é possível obter com os resíduos florestais que a floresta nos dá anualmente.

A Comissão Europeia disponibilizou 320 milhões de euros para financiar centrais de biomassa em Portugal durante 15 anos. Este apoio é suficiente?

Neste momento, duvido que o Governo avance com a construção de mais centrais de biomassa sem se ter uma noção das necessidades e, muito menos, que permita que as centrais a carvão existentes passem a consumir biomassa. Até à data, nenhum Governo permitiu que em Portugal se fizesse *co-firing*, isto é, centrais a carvão consumirem também biomassa. O que é que está por trás destas centrais a carvão começarem a queimar biomassa? É que desta forma não se paga tanto pela emissão de CO₂ que é libertado para a atmosfera. Isto só acontece quando o preço dos certificados de CO₂ está elevado. Até à data, não havia este problema. Se fosse autorizado o *co-firing* nas centrais a carvão, as centrais de biomassa existentes fechavam por falta de biomassa.

Qual o preço atual da biomassa e qual a evolução que os preços têm registado nos últimos anos?

O preço da biomassa tem-se mantido estável nos últimos anos, variando entre os 25 e os 30 euros/tonelada. Provavelmente, com a escassez que possa ocorrer, o preço pode aumentar um pouco, mas nada substancial. Tudo tem a ver com a procura e oferta e muitas vezes depende também da localização das centrais. O Governo, quando lançou o concurso em 2006 para promover a construção



Reuters

de centrais de biomassa, teve o cuidado de as localizar em zonas onde existia biomassa e de as afastar suficientemente para não correrem entre si. Há uma necessidade de fazer escoar os resíduos florestais, não só os que resultam da exploração florestal como da limpeza das florestas. O preço poderá subir temporariamente muitas vezes em função do custo dos combustíveis líquidos utilizados nos transportes ou devido ao aumento da inflação.

Os incêndios dos últimos anos têm reduzido a biomassa disponível?

Os incêndios, como é óbvio, reduziram significativamente a biomassa disponível no mercado. Como exemplo, saliento o Pinhal Interior, onde hoje se nota uma ausência de reflorestação. Como não é possível plantar eucalipto, que é a melhor fonte de rendimento, os proprietários não plantam pinheiros por terem um retorno económico incerto e longo,

e com custos mais elevados. O que está a acontecer em Portugal é que o seu interior não só está a ficar deserto de floresta e seco, como está também a ficar desertificado de pessoas.

Não sabemos, de facto, se devido aos incêndios que ocorreram no passado haverá biomassa disponível para todos.

Se houver escassez de biomassa em Portugal, onde é que os produtores podem comprá-la?

Ir buscar ao estrangeiro está fora de questão, pois o preço é proibitivo e a energia produzida já não seria renovável. Os *pellets* são, como é conhecido, uma solução simpática de queima doméstica ou outras aplicações de pequena dimensão. Importar ou exportar *pellets* a meu ver não faz sentido, sobretudo para queimas em grandes centrais de biomassa com o objetivo de obterem certificados de redução de CO₂ e poderem dizer que estão a produzir energia renovável. ●



Esta publicação é distribuída com o Jornal Económico Nº 1990 e não pode ser vendida separadamente

Energia & Ambiente

Energy & Environment

www.energieambiente.pt

N.º 5 | 24 maio de 2019 | Diretor Filipe Alves | Diretor executivo André Cabrita-Mendes



Endesa de olho nas barragens da EDP

A elétrica liderada por Nuno Ribeiro da Silva garante estar interessada nos leilões de energia solar. Acionista da central a carvão do Pego, a Endesa está disposta a manter a central aberta além de 2021, se necessário. Está também atenta ao concurso para as redes de baixa tensão. ● P4

Cristina Bernardo

Produtores de renováveis pedem regras claras para leilões de solar

Três dos maiores produtores de energia eólica de Portugal pedem ao Governo que defina regras claras para os leilões solares que estão a ser preparados.

São três dos maiores produtores eólicos de Portugal: Finerge, Gennerg e EDP Renováveis. Com o leilão de energia solar à porta, as três companhias, que contam com investidores estrangeiros no seu capital, querem um quadro-legal bem definido para que o processo

decorra sem problemas. As elétricas verdes também pedem estabilidade legislativa ao Governo, para que não voltem a ser tomadas medidas com efeitos retroativos. Por sua vez, o Governo garante que está a trabalhar num "quadro regulatório estável". ● P12

Vestas interessada em fornecer centrais 'offshore' da EDP

Anunciada a parceria da EDP com os franceses da Engie para a eólica marítima, a gigante dinamarquesa quer fornecer equipamento a estas centrais. ● P8

AMBIENTE

Plano de Energia e Clima Nacional no meio do pelotão europeu ● P3

CONSUMO

Como os estabelecimentos comerciais podem poupar na fatura da luz e gás ● P15

MOBILIDADE

Apetro: "Os ministros vão de carro elétrico de Lisboa ao Porto? Não vão" ● P11

FLORESTA

Associação alerta para escassez de biomassa devido a incêndios florestais ● P10

PRODUÇÃO

País pode tornar-se um dos principais produtores energéticos com descarbonização ● P14

PUB

O melhor investimento familiar é a educação dos seus filhos



Caminho dos Saltos, 6 - Funchal - Madeira - Portugal
+351 965 015 333 | office@madeira.sharingschool.org



International sharing school
madeira - portugal

